

REPRESENTAÇÕES DE ATORES SOCIAIS NO DISCURSO PRATICADO
PELO DEPUTADO FEDERAL NIKOLAS FERREIRA (PL)
NO DIA INTERNACIONAL DA MULHER

*Representations of Social Actors in the Speech Given
by Assemblyman Nikolas Ferreira (PL) on International Women's Day*

DOI: 10.14393/LL63-v40-2024-17

Geovane Pereira da Silva*

Cardoza Santos**

RESUMO: No dia 8 de março de 2023, na Câmara dos Deputados em Brasília, o deputado federal Nikolas Ferreira, eleito pelo estado de Minas Gerais e filiado ao Partido Liberal (PL), foi à tribuna, discursar em referência ao Dia Internacional da Mulher. Na ocasião, o referido deputado utilizou uma peruca loira e disse que "se sente mulher", que é a "deputada Nicole", e que "tem lugar de fala". Esse discurso fez referências a questões de transgeneridade. Assim, o presente estudo tomou como objetivo discutir as representações discursivas do deputado pela mídia comercial e não comercial frente a esse evento discursivo. Como material de análises, utilizamos duas notícias, uma publicada pelo portal de notícias CNN Brasil, e outra pelo Poder 360. Como metodologia, usamos a Análise de Discurso Crítica (ADC), através da abordagem dos Atores Sociais no Discurso de van Leeuwen (1997). Como resultados, apontamos para estratégias de narrativas e de representações apoiadas no aspecto biológico para definição da categoria mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Deputado Federal Nikolas Ferreira. Discurso midiático. Mulheres trans e travestis.

ABSTRACT: On March 8th, 2023, federal deputy Nikolas Ferreira, elected by the state of Minas Gerais and affiliated with the Liberal Party (PL), took to the podium at the Chamber of Deputies in Brasília to speak in reference to the International Women's Day. Wearing a blonde wig, he stated that he "feels like a woman," his name was "deputy Nicole," and he "has a voice." His speech touched upon issues of transgender identity. This study aimed to discuss the discursive representations of the deputy by both commercial and non-commercial media in response to this discursive event. We used two news articles as analytical materials, one published by the CNN Brasil news portal and another by Poder 360. Methodologically, we employed Critical Discourse Analysis (CDA) through van Leeuwen's (1997) approach to Social Actors in Discourse. Our findings highlight narrative strategies and representations that rely on the biological aspect to define the category "woman."

KEYWORDS: Assemblyman Nikolas Ferreira. Media discourse. Transgender women.

* Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC). ORCID: 0000-0002-9319-3635. E-mail: geovane(AT)ufpi.edu.br.

** Doutoranda em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Universidade Federal do Ceará (PPGSP/UFC). ORCID: 0000-0003-3254-2894. E-mail: cardozzz(AT)gmail.com.

1 Introdução

O Dia Internacional da Mulher é celebrado em 8 de março, data simbólica referente à luta por direitos das mulheres (sobretudo no ocidente) ao sufrágio universal, e também às questões trabalhistas, jurídicas e educacionais reivindicadas durante o século XX (Limongi; Oliveira; Schmitt, 2020). Hoje, ao pensar a mulher como categoria social, devemos entender a multiplicidade da construção sobre ser mulher, ou seja, mulheres, no plural. Os aspectos de raça, gênero, sexualidade, classe, etnia, cultura, territorialidades são marcadores que constituem as experiências desses sujeitos, nas quais o sistema do patriarcado – a dominação masculina sobre as mulheres e em instâncias institucionais – como matriz de opressões ainda é operacionalizada, seja na esfera política, econômica, seja na social.

Neste trabalho discutimos os atravessamentos que tocam o grupo social de mulheres trans e travestis. Nesse sentido, explicamos que as transexualidades se configuram como corporificações identitárias-políticas (Bento, 2006, 2014), (Podestà, 2019), que subvertem o determinismo biológico binarista: corrente ideológica baseada em preceitos da biologia, reprodutora da dualidade reducionista que organiza uma visão e ordem de mundo (macho e fêmea) e ocidental (Scott, 1989), (Louro, 1997, 2008).

O conflito ontológico enfrentado pelas/es/os sujeitas/es/os transgêneras/es/os e pessoas não-binárias dentro da perspectiva ocidental foram analisados e debatidos criticamente por estudiosos/as que contribuem na formulação da Teoria Queer, dentre estes destacamos argumentos de Butler (2003), Witing (2020), Sedgwick (2003) e Preciado (2022).

A filósofa lésbica norte-americana Judith Butler (2003) introduz a perspectiva de que o gênero não é uma identidade fixa ou intrínseca, mas sim uma performance que é repetidamente encenada através de atos e comportamentos, construindo o argumento de que o gênero é uma construção social que se manifesta através de performances cotidianas.

Por seu turno, a escritora lésbica Monique Wittig (2020) discorre que o heterossexualismo não é apenas uma orientação sexual, mas uma instituição política que sustenta a dominação masculina e a opressão contra as mulheres. O heterossexualismo funciona como um regime político que naturaliza as desigualdades de gênero, sendo as categorias "homem" e "mulher" construções sociais criadas para a manutenção do poder patriarcal. Portanto, somente com a abolição dessas categorias seria possível a emancipação das mulheres.

A teórica norte-americana de estudos de gênero Eve Kosofsky Sedgwick (2003) explora como a dicotomia entre o conhecimento público e privado da sexualidade (estar "dentro" ou "fora" do armário") estrutura as experiências de pessoas LGBTQ+, com o argumento que o armário é uma metáfora poderosa para entender como a opressão e a invisibilidade funcionam nas sociedades heteronormativas. Com isso, a autora reflete sobre a rigidez das binaridades de gênero (masculino/feminino) e sexualidade (heterossexual/homossexual), argumentando que gênero e sexualidade são categorias insuficientes para capturar a complexidade das identidades humanas. Como alternativa, propõe uma perspectiva mais fluida e menos categórica sobre sexualidade e gênero.

O escritor espanhol transmasculino Paul Preciado (2022) argumenta que as identidades de gênero são construções sociais que limitam a liberdade individual e propõe uma ética radical de liberdade sexual e corporal. A partir dessa percepção, tece uma crítica extensa à heteronormatividade e à cisnormatividade, defendendo que as identidades não são fixas, nem binárias, mas fluidas e transformadoras. O livro *Manifesto contrassexual* discorre sobre a necessidade de desconstruir as estruturas de poder que mantêm essas normas, a fim de estabelecer uma política de resistência e subversão contra os sistemas opressivos que regulam o corpo e a sexualidade.

Os argumentos apresentados pelas/os autoras/es acima representam elementos orientadores transdisciplinares da Teoria Queer e dos Estudos de Gênero no Ocidente que atuam como construtores do processo de produção e conformação do sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente (Hall, 2014). Considerando a cosmopercepção² de povos originários de África, narrada pela antropóloga brasileira Lélia Gonzalez (2020) que descreve a prática de clitoridectomia em mulheres e de circuncisão nos homens do povo Dogons, “quando as crianças nascem, eles dizem que tem de tirar do homem aquilo que é feminino, o prepúcio; e tem de tirar da mulher aquilo que é masculino, o clitóris” (Gonzalez, 2020, p. 302), na busca de estabelecer um elo entre a anatomia dos corpos com os papéis de gênero atribuídos socialmente.

² O termo “cosmovisão”, que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio ocidental do visual. É eurocêntrico usá-lo para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. O termo “cosmopercepção” é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais (Oyèwùmí, 1997, p. 3).

Gonzalez (2020) nos dá subsídios para compreender corporificações de gênero fora do sistema colonial moderno ocidental. A autora ainda destaca que "são diferenças culturais que nós não podemos reduzir à nossa perspectiva, nós temos que entender quais são os valores que eles têm lá [continente africano]". Essa lógica colonial ocidental (o olhar sobre o "outro" como um marcador social orientado pela diferença) fundamenta o ódio a corpos trans.

A violência exercida sobre os corpos dissidentes de gênero pode ser verificada através das informações presentes no relatório Transgender Europe (TGEU, 2021), que realiza o monitoramento de dados, a nível global por meio de levantamentos executados por instituições trans e LGBTQIAP+. Dados apontam que 70% de todos os assassinatos registrados aconteceram na América do Sul e Central, sendo que 41% deles ocorreram no Brasil, com 125 mortes (TGEU, 2021). Em um sentido semelhante, os dados apresentados pelo Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras, realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA, evidenciam que 131 pessoas trans e travestis foram assassinadas no Brasil (ANTRA, 2022).

As violências contra pessoas trans perpassam a estrutura do Estado e da sociedade, produzindo reverberações nos modos de ver, interagir e representar esses atores sociais. Consequentemente, a representação na mídia (discursos midiáticos) de pessoas trans e dissidentes de gênero manifesta e produz signos e construtos discursivos sobre as violências já vivenciadas nas demais dimensões institucionais.

Essas interconexões de dados e direcionamentos são necessárias para problematizar as representações da população trans e poder movimentar processos de transformações sociais através dos discursos sobre esses sujeitos. Foi nesse cenário que, em 8 de março de 2023, na Câmara dos Deputados, em Brasília, o deputado federal Nikolas Ferreira, eleito pelo estado de Minas Gerais e filiado ao Partido Liberal (PL), foi à tribuna discursar. Na ocasião, ele utilizou uma peruca loira e disse que "se sente mulher", que é a "deputada Nicole" e que "tem lugar de fala". Esse discurso fez referências a questões de transgeneridade, mais especificamente sobre o grupo social de mulheres trans e travestis.

O discurso do parlamentar repercutiu nas redes sociais e na mídia jornalística, movimentando o debate sobre o ser mulher e o discurso transfóbico por diversas perspectivas e grupos sociais. Entre os políticos, houve movimentações administrativas e judiciais. Nos

movimentos transexuais, pautou-se a reivindicação por direitos e reparação, reafirmando o discurso como transfóbico. Entre os apoiadores de extrema direita, que concordam com o deputado federal do PL, como uma visão conservadora e religiosa de organização do mundo (ideologia), relacionou-se ser homem e mulher apenas através da ordem biológica e natural.

Nesse contexto, para este trabalho, caracterizamos o discurso presente na mídia sobre o deputado federal Nikolas Ferreira como um evento sociodiscursivo. Nessa direção, o objetivo deste estudo é analisar as representações sobre o parlamentar pela mídia comercial e não comercial (duas visões ideológicas distintas) diante do acontecimento aqui detalhado.

Para tanto, partimos de discussões conceituais sobre gênero que abordam a mulher como construção social, utilizando os estudos da historiadora norte-americana Joan Scott (1989) e da educadora especialista em gênero e sexualidade, a brasileira Guacira Lopes Louro (1997, 2008). Considerando que o discurso referencia a(s) transexualidade(s), pontuamos esse aspecto através das discussões da socióloga brasileira Berenice Bento (2006, 2014).

Devido à natureza discursiva e social da problemática levantada neste trabalho, adotamos a Análise de Discurso Crítica (ADC) para fundamentar os procedimentos metodológicos das análises. Especificamente, recorreremos ao linguista e semiótico neerlandês-australiano Theo van Leeuwen (1997), que articula uma abordagem que considera os modos como os atores sociais são representados no discurso.

Dessa maneira, o presente estudo se divide em quatro partes. A primeira seção volta-se para os conceitos sobre as categorias mulheres, transgeneridade e a articulação do referencial sobre a abordagem dos atores sociais no discurso. Na segunda seção, realizaremos as tessituras dos processos metodológicos: delimitação e escolha do corpus, explicação da natureza qualitativa e as categorias de análise. Na terceira seção, apresentaremos as discussões das análises, e, por fim, encerraremos o artigo com a seção de considerações finais, sintetizando os principais achados das análises e os tensionamentos sobre o discurso midiático, a representação política e as questões de gênero.

2 Apontamentos teóricos

2.1 Gênero, transexualidades e transfobia

Os estudos que concentram reflexões sobre papéis, interações, relações, funções e significados ligados ao gênero são diversos. Inicialmente, o campo de Estudos de Gênero surgiu

das discussões de intelectuais feministas Scott (1989) e Louro (1997). Por exemplo, a filósofa francesa Simone de Beauvoir questionou a mulher enquanto um segundo sexo de forma existencialista. Outras intelectuais feministas contribuíram para esses estudos, incluindo Butler (2003), Wittig (2020) e Sedgwick (2003).

Scott (1989) também desenvolveu seus conceitos dentro de uma vertente feminista. { propôs-se a discutir o gênero como uma categoria analítica histórica, social e culturalmente situada. Ou seja, o gênero é construído em um contexto específico, articulando as particularidades dos arranjos de gêneros e os significados e valores atribuídos a eles. Segundo Scott (1989, p. 7), “o gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as ‘construções sociais’ – a criação inteiramente social das ideais sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres”.

Ainda é argumentado por Scott (1989) que o gênero, por muito tempo, foi compreendido como algo descritivo do universo da mulher e como um sinônimo. Por meio da exposição da autora, compreendemos que isso se dava, geralmente, em duas vertentes iniciais. A primeira relaciona-se como um delimitador da mulher ligado ao sexo: o aspecto biológico, sobretudo a reprodução, e a sexualidade, além da dominação masculina. Já a segunda vertente constitui-se através das problemáticas sobre ser mulher pelo viés feminista – sobretudo a luta contra o patriarcado (dominação masculina que interpela as desigualdades entre homens e mulheres) – que buscava legitimação nos estudos teóricos e posicionamentos políticos.

Contudo, a complexidade do gênero pode ser pensada de forma análoga às categorias³ de raça e classe, no que se refere à subordinação a todo um sistema de relações de poder que permeiam a linguagem, a subjetividade, a economia e outros aspectos (Scott, 1989). Com isso, Scott (1989, p. 21) defende que o “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

Numa abordagem semelhante à de Scott (1989), Louro (1997, 2008) compreende que o gênero é uma construção social que se constitui nas diferenças. Para Louro (1997, 2008), o gênero é um canal para a construção das identidades dos sujeitos. Partindo de formulações críticas dos Estudos Feministas e Estudos Culturais, a autora entende as identidades como não fixas, mas sim múltiplas, em transformação e por vezes contraditórias. Nessa direção,

³ É válido dizer que autora explicita que essas categorias não são iguais.

argumenta que assim como etnia, classe, nacionalidade, entre outras identidades, o gênero não é dado em si nem é formado de forma isolada. Desse modo, deve-se pensar na ideia do gênero como parte integrante do sujeito.

Segundo Louro (1997, 2008), as múltiplas formas de assumir masculinidades e feminilidades, implicam os papéis e as relações interpessoais e sociais dos sujeitos, bem como constituem hierarquias entre os gêneros. Desse modo, coadunamos com Louro (1997, p. 25) ao sinalizar que:

... as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições "fabricam" os sujeitos. Busca-se compreender que a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc. são atravessadas pelos gêneros: essas instâncias, práticas ou espaços sociais são "generificados" — produzem-se, ou "engendram-se", a partir das relações de gênero (mas não apenas a partir dessas relações, e sim, também, das relações de classe, étnicas, etc.).

Para Louro (1997, 2008), as discussões sobre gênero e sexualidade estreitaram caminhos, pautando os modos de ser e ver o mundo pelas lentes da cultura como modeladora das práticas sociais, e não como algo dado ou natural. Ou seja, a construção de gênero e de sexualidade não é compatível com a ideia binária de macho e fêmea, mas sim uma continuidade ao longo da vida social. "É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo" (Louro, 2008, p. 18). Com isso, são postos modelos a serem seguidos, e nisso reside o aspecto pedagógico do gênero e da sexualidade defendido por Louro (1997, 2008). Eles são processos de aprendizagem. A autora chama atenção para a mídia na contemporaneidade como uma das instâncias mais presentes nesses processos.

Sobre o aspecto conjuntural, Louro (2008) enfatiza que o cenário contemporâneo, especialmente diante das rupturas conservadoras sobre práticas sexuais, como o olhar não reprodutivo e novas formas de relacionamento, além da relação com o corpo e das mudanças comportamentais advindas do acesso às novas tecnologias midiáticas, internet entre outras, em paralelo à articulação de grupos de jovens, estudantes, negros, mulheres e minorias sexuais (referente à comunidade LGBTQIAP+) e étnicas, movimentaram, a partir da década de 60, suas inconformidades e rupturas culturais e históricas. Através de suas lutas, provocaram mudanças nas práticas sociais, linguagens, conceitos, entre outras questões.

Com isso, esses grupos tornaram visíveis “outros” modos de viver, que poderiam ser sintetizados pelo direito de falar de si. Assim, os desafios de pensar gênero e sexualidade residem não apenas em aceitar suas multiplicidades, mas também em pensar fora de esquemas binários: masculino e feminino, heterossexual e homossexual (Louro, 2008). Para a autora, esses esquemas implicam as construções do sujeito tido como normal, e quem se diferencia dele. Louro (2008) afirma que a norma não vem de um único lugar, ela está em todo lugar. Por estar sendo repetida cotidianamente, serve de referência e, logo, naturaliza-se.

Nesse ponto, partilhamos da defesa de Louro (2008, p. 22) sobre os atributos dados à diferença enquanto modeladores de sentidos, ao sinalizar que:

[a] diferença não pré-existe nos corpos dos indivíduos para ser simplesmente reconhecida; em vez disso, ela é atribuída a um sujeito (ou a um corpo, uma prática, ou seja lá o que for) quando relacionamos esse sujeito (ou esse corpo ou essa prática) a um outro que é tomado como referência. Portanto, se a posição do homem branco heterossexual de classe média urbana foi construída, historicamente, como a posição-de-sujeito ou a identidade referência, segue-se que serão diferentes todas as identidades que não correspondam a esta ou que desta se afastem. A posição normal é, de algum modo, onipresente, sempre presumida, e isso a torna, paradoxalmente, invisível. Não é preciso mencioná-la. Marcadas serão as identidades que dela diferirem.

Por meio dessas leituras, podemos considerar o gênero como uma categoria social instituída por relações de poder. Além disso, observamos a relação entre o social e o biológico, o que coloca em jogo noções de normal e anormal, heterossexualidade e homossexualidade, cisgeneridade⁴ e transexualidade, como instâncias que disputam sentidos na construção do gênero. Ao mesmo tempo, torna-se indispensável considerar o lugar e a posição dos sujeitos na organização e na composição do gênero através das esferas políticas, midiáticas, econômicas e condições históricas, com elementos constituintes nos modos de ver, viver e representar o gênero.

Bento (2006) não se distancia das discussões realizadas por Scott (1989) e Louro (1997, 2008). Contudo, a socióloga foca em debater as experiências de pessoas transexuais e seus

⁴ Termo utilizado para designar o gênero de pessoas que se reconhecem e se expressam em conformidade com os papéis de gênero atribuídos ao feminino e ao masculino pela lógica biológica, a exemplo, homem cisgênero: nasceu biologicamente com corpo definido como masculino, se vê, se sente e se comporta no papel do gênero masculino. “A cisgeneridade também pode ser entendida como um modo de conhecer o mundo, porque permite e incentiva a ignorância cis de todas as violências que as pessoas trans sofrem para que se sustente assim um regime de corporalidade forçado” (Podestà, 2019, p. 376).

corpos, explorando como os discursos e as instâncias médicas, culturais, históricas e sociais atravessam e produzem corpos-sexuados, tendo a heterossexualidade como uma matriz que impõe legitimidade: a heterossexualidade compulsória.

Conforme Bento (2006), as noções de corpo, genitália, sexo e reprodução circunscrevem o sistema de gênero vigente. No caso de pessoas transexuais, os discursos cientificistas são invocados para naturalizar e essencializar os modos biológicos e anatômicos para o reconhecimento dos corpos, criando e regulamentando verdadeiras dicotomias rígidas para o gênero. Segundo Bento (2006, p. 89), esse "processo de reconstrução de corpo é marcado por conflitos que põem às claras as ideologias de gênero e colocam os/as transexuais em posição de permanente negociação com as normas de gênero". A autora aponta que as transexualidades podem ser pensadas como modos de agir e sentir-se homem ou mulher. Tais fatores são modos de produção que estão inscritos nos corpos, mas que vão além dos corpos.

Bento (2014), ao trazer dados nacionais e internacionais sobre a população trans (travestis, transexuais e transgêneros), aponta para uma dizimação diária desse grupo social. A autora se propõe a nomear os assassinatos de pessoas trans como transfeminicídio. De acordo com Bento (2014, p. 1), este "se caracteriza como uma política disseminada, intencional e sistemática de eliminação da população trans no Brasil, motivada pelo ódio e nojo". Bento (2014) chama atenção para o fato de que no Brasil não existe nenhuma fonte confiável para quantificar exatamente o número de pessoas trans assassinadas. Erroneamente, essa população é computada como vítimas de homofobia, o que, segundo Bento (2014), "as mortes das mulheres trans é uma expressão hiperbólica do lugar do feminino em nossa sociedade".

Com isso, ao considerar que o feminino socialmente representa o que é desvalorizado, quando esse feminino é encarnado com pênis, causa um transbordamento na coletividade social no que se refere à identidade de gênero relacionada ao aspecto biológico (Bento, 2014). Para a autora, as formas de nomeação e apresentação de mulheres trans no masculino, em matérias jornalísticas e outros espaços, sobretudo após a morte, implicam uma das violências contra essas pessoas, que não têm suas expressões e identidades de gênero reconhecidas, levando a processos contínuos de esvaziamento e apagamento. Nesta pesquisa, compreendemos o transfeminicídio como uma das faces da transfobia, tendo a faceta discursiva como evidente. O sociólogo brasileiro e especialista em questões das

transexualidades, Lucas Lima de Podestà (2019), propôs-se a realizar um debate conceitual sobre a transfobia. Em um primeiro momento, o autor aborda que o termo transfobia é um conceito em progresso que abarca e analisa as múltiplas violências contra pessoas trans (especialmente aquelas que vivenciam a transgeneridade⁵).

Podestà (2019) apresenta a relação do biológico – os corpos e suas regulamentações e abjeções, sobre a matriz heterossexual – que do simbólico ao físico geram violências e hierarquias sobre o gênero. Assim, “o conceito de violência transfóbica pode ser lido no conceito mais amplo em que se insere, a violência de gênero, acrescentando-se a especificidade das vítimas – pessoas transgêneras – e os modos frequentemente cruéis pelos quais se manifesta” (Podestà, 2019, p. 367).

Conforme Podestà (2019, p. 365), a transfobia é:

Um dos regimes de visibilidade, aquele objetivando desumanizar as pessoas trans, apenas apresentar o corpo trans brutalizado pela violência, também superexposto, de maneira espetacularizada, conforme vemos em canais de mídia de grande porte. Frequentemente culpabilizam-se as vítimas pelos eventos ocorridos. A transgressão da norma de gênero é apresentada como uma falha individual e que pode ser punida em razão de seu caráter desviante – tachado de loucura, doença, perversão, maldade, capricho, pecado, etc. – através da violência, e nesse sentido esta é visibilizada. Nesse regime, as discriminações e exclusão social que acompanham a estigmatização da vivência trans – como a expulsão do seio familiar ou do ambiente escolar, a negação do nome social, os xingamentos e ridicularização da imagem da pessoa trans em locais públicos como a rua – são também caracterizadas como violência, porém invisibilizadas – e naturalizadas – para o funcionamento da norma de gênero no nível da transfobia.

Desse modo, ao tratar de transfobia, não se enfoca apenas em violências físicas, como os assassinatos de pessoas trans, que infelizmente ainda são uma realidade gritante no Brasil.

⁵ O surgimento, adoção e frequência do uso do conceito de “transfobia”, primeiramente dentro do movimento social e/ou entre pessoas trans ativistas acadêmicas – respaldado também nas elaborações teóricas do conceito de “transgeneridade” – tem um contexto histórico longo e mais amplo, que remete à história do próprio movimento LGBT. No Brasil, a fragmentação do movimento homossexual, a partir da redemocratização, deu lugar a uma posterior especificação em movimentos mais autônomos (primeiramente o movimento de travestis). A consolidação do movimento trans envolveu alguma intervenção a partir de ordens discursivas, a exemplo das mídias sociais – eletrônicas e virtuais – ou a academia, com a finalidade de alterar os regimes de visibilidades para o combate dos estigmas e processos violentos afetando as pessoas trans. É nesse contexto que faz sentido a concepção e uso de conceitos específicos representando a realidade de vida das pessoas trans, como os processos de transição, alteração e autopercepção do corpo trans, associados/relativos ao conceito de “transgeneridade” e as violências específicas contra elas, como a imposição do gênero ou o desrespeito do nome, “transfobia” (Podestà, 2019, p. 373).

As esferas simbólicas, educacionais, midiáticas, políticas, econômicas, entre outras, também são meios de perpetuação da transfobia. "A violência transfóbica atua em um nível discursivo, por discriminações sutis, de modo que a rejeição à transgeneridade circula nos discursos, entre as pessoas antes mesmo que elas iniciem suas transições e entendam-se como pessoas trans" (Podestà, 2019, p. 375). É justamente na esfera discursiva que o presente estudo se desenvolve, compreendendo as implicações sociais, políticas e materiais que o discurso praticado por um parlamentar e sua repercussão na mídia podem causar na sociedade: um fenômeno sociodiscursivo enquanto uma prática transfóbica.

2.2 A Análise de Discurso Crítica e o estudo de representações de atores sociais

Van Leeuwen (1997) propõe uma abordagem em ADC pelo viés sócio-semântico dos modos como os atores sociais podem ser representados. Para o autor, é necessário considerar os aspectos sociológicos e contextos dos que exercem a posição de "dizentes" (agentes) e os que são os "outros" (atores sociais). O autor salienta que isso não deve ser pensado numa relação estritamente delimitada à linguística, pois, quando se trata de análise textualmente orientada, precisa considerar o aspecto social. Sobre isso, o autor argumenta que nem sempre a análise ocorre apenas pelo agenciamento linguista, como nominalização, apagamento ou pelo papel gramatical do agente. Porém, pode ocorrer na esfera das relações dos pronomes possessivos, da significação, no uso de metáforas, entre outras operações gramaticais que devem ser consideradas na composição de como o discurso é construído textualmente.

É interessante dizer que van Leeuwen (1997) articula suas discussões pensando a língua inglesa e as relações de racismo e imigração em vários textos, sobretudo jornalísticos. Apesar do contexto e da cultura em que o autor articulou suas discussões e as categorias de análises estarem demarcados, ele argumenta que é justamente o processo de significação, como o "outro" é construído, de forma verbal e não verbal (escrita e imagens). Isso implica considerar que "o significado é inerente à cultura e não a língua e não pode ser associada a uma semiótica específica" (van Leeuwen, 1997, p. 171).

Segundo o autor, a posição de autoridade de quem enuncia coloca em jogo condicionamentos ou papéis sociais, que podem ser representados de forma impessoal ou

pessoalmente, e, individualmente ou coletivamente. Esses fatores implicam representações e estratégias de exclusão ou inclusão (legitimações e não legitimações).

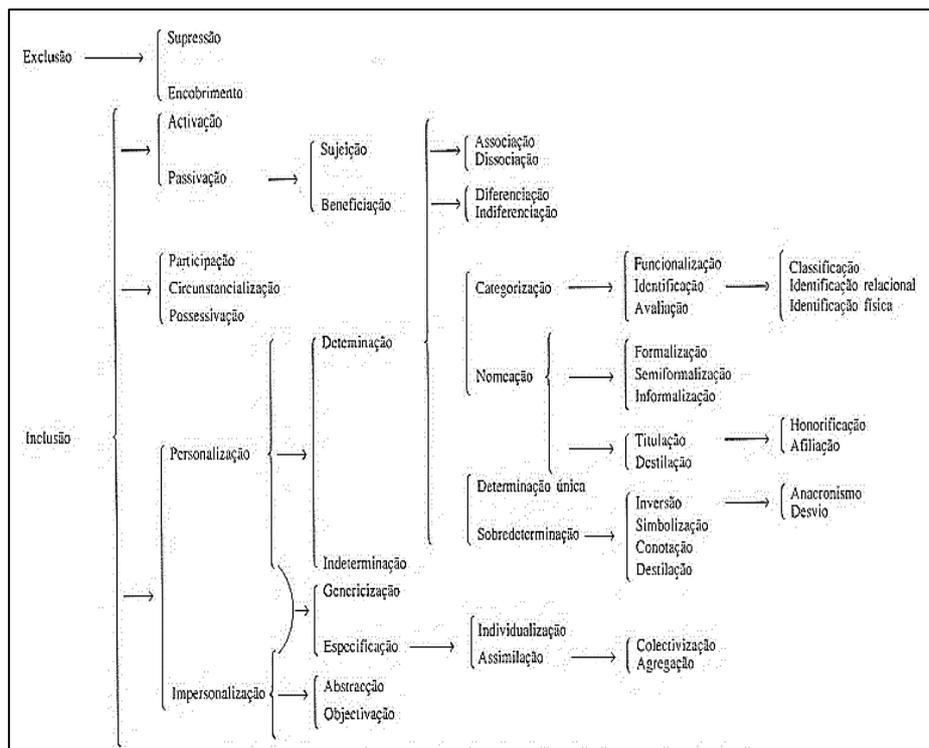
Em linhas gerais, van Leeuwen (1997, p. 172) defende que:

... como é que as práticas sociais se transformam em discursos acerca dessas mesmas práticas sociais – e isto, quer no sentido de que temos meios para o fazer que no sentido de como é que nós, na realidade, o fazemos em contextos institucionais específicos que têm relações específicas com as práticas sociais e das quais produzem representações.

A partir de van Leeuwen (1997), podemos nos apropriar de suas discussões para analisar o fenômeno sociodiscursivo aqui apresentado: o deputado do PL atua como agente (dizente), considerando seu lugar institucional como parlamentar, enquanto a mídia articula as representações sociais de seu discurso (práticas sociais) e as significações sobre o “outro”: mulheres trans e travestis (atores sociais) representadas por esse discurso.

van Leeuwen (1997) formulou um quadro numeroso de categorias de análise para identificar e tratar de representações de atores sociais no discurso a partir da explanação de vários textos, representadas na Figura 1.

Figura 1 – A representação dos atores sociais no discurso: rede de sistema



Fonte: van Leeuwen (1997, p. 219).

Diante das possibilidades de categorias diversas em van Leeuwen (1997), selecionamos a mais relevante para as análises desta pesquisa, considerando a manifestação delas nos dados. Elegemos a categoria nomeação como uma macrocategoria, pois a identificamos conceitualmente ao longo de ambos os textos. E, para fins de aplicação metodológica, utilizamos microcategorias: narrativação, contexto e posição dos sujeitos. Salientamos que essas microcategorias não fazem parte das formulações de van Leeuwen (1997), mas sim estratégias textualmente orientadas que escolhemos para operacionalizar as análises.

Para tanto, elaboramos o Quadro 1 para facilitar a compreensão desse desenho categorial, que foi elaborado para atender aos interesses deste trabalho.

Quadro 1 – Categoria de Análise de Atores Sociais: nomeação

Macro categoria	Definição	Micro categorias	Operacionalização
Nomeação	Atribuição a identidades, nos modos das representações por meio das atividades, papéis e funções dos atores sociais no texto. Essas podem ser postas como em forma de titulação honrosas, geralmente usada para como legitimação e inclusão, ou pode ser imposta como categorização (“outros”), como uma forma de deslegitimação.	Narrativação	Mapeamento das narrativas e do campo semântico que elas evocam. Uso de pronomes pessoais ou possessivos.
		Contexto	Descrição situacional e conjuntural (aspectos sociais, culturais, ideológicos, etc.) em que o evento sociodiscursivo está inserido. Para perceber as relações de sentidos textuais no processo de significação.
		Posição dos sujeitos	Identificação dos sujeitos: nós (dizentes) e eles (“outros”). Relação de voz passiva e ativa através dos verbos, adjetivos e tempo verbal. Individualização e coletivização dos sujeitos no texto.

Fonte: elaborado pelo autor e pela autora com base em van Leeuwen (1997).

3 Construção metodológica

Cabe aqui explicitar a natureza qualitativa da presente pesquisa, caracterizada por duas razões distintas. Primeiramente, trata-se de uma reflexão sobre um fenômeno sociodiscursivo que permeia as esferas da política, da representação e das práticas sociais em torno das transexualidades, o que implica uma dinâmica multifacetada e não estática. Além disso, este trabalho é qualitativo devido à sua abordagem da problemática levantada, que busca analisar o evento sociodiscursivo considerando suas especificidades temporais, espaciais e os sujeitos envolvidos.

Desse modo, salientamos que o objetivo desta pesquisa não é contribuir com dados generalistas ou homogêneos, mas sim oferecer uma análise especializada. Para tal, delimitamos como material de análises dois textos jornalísticos. O primeiro intitulado Após discurso em que disse se sentir mulher, o deputado Nikolas Ferreira multiplica números de seguidores nas redes, publicado em 9 de março de 2023 pelo portal de notícias da CNN Brasil (mídia comercial). Já o segundo, Nikolas Ferreira ironiza pessoas trans no Dia da Mulher, de autoria do portal de notícias Poder 360 (mídia não comercial), publicado em 8 de março de 2023. Ambos os portais de notícias podem ser considerados mídias de alcance à nível nacional e trazem, em seus veículos, acontecimentos políticos como editoriais em destaque.

Nesta pesquisa, argumentamos que a relação entre mídia comercial e não comercial implica a lógica de produção noticiosa. Isso significa que os portais não apenas respondem a uma demanda por informação, mas também a uma necessidade econômica para sustentarem suas operações como empresas. Além disso, esses veículos têm parcerias comerciais e políticas que influenciam na composição e na postura ideológica das suas linhas editoriais.

Desse modo, não apontamos para o aspecto de objetividade das produções jornalísticas, pois essas seguem códigos deontológicos do campo profissional do jornalismo, os quais atendem aos critérios de coleta, apuração, verificação e organização de informação a partir de acontecimentos de relevância social. Contudo, as empresas jornalísticas, enquanto instituições não estão isentas de parcialidade na construção de seus produtos noticiosos.

Nesse sentido, entendemos a mídia comercial como correlacionada a uma lógica capitalista, onde há concentração e manutenção de poder por grupos dominantes. Já a mídia não comercial se posiciona como uma produção que busca maior independência dos grupos que exercem monopólio, visando exercer uma produção com postura social e progressista.

Dito isto, é pertinente detalhar que a CNN Brasil é uma mídia comercial, afiliada da Cable News Network (CNN) – tradução livre: rede de notícias a cabo – com sede nos Estados Unidos desde 1980, pertencente ao grupo Warner Bros. Discovery. No Brasil, a rede foi ao ar em 2020, e conta com estúdios na grande São Paulo e em Brasília. A CNN Brasil é veiculada ao grupo Novus Mídia, do empresário brasileiro Rubens Menin Teixeira de Souza, que além de fundador da CNN Brasil e do Banco Inter, é cofundador e presidente da MRV Engenharia e dono da Rádio Itatiaia (Infomoney, 2024).

No geral, o conteúdo da CNN Brasil é pautado em uma linha editorial alinhada ideologicamente com o centro político e a direita, bem como emite uma postura mais próxima do conservadorismo. Isso vincula-se ao contexto sócio-histórico das mídias comerciais brasileiras de estarem sob posse de grandes famílias – o Grupo Globo da família Marinho, o Grupo Bandeirantes de Comunicação da família Saad, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) da família Santos, entre outros conglomerados de comunicação –, ou seja, a CNN Brasil também se alinha aos interesses do grupo comercial que pertence.

Por sua vez, o Poder 360 desenvolve sua linha editorial alinhada com pensamentos progressistas e mais próximos da esquerda política. O veículo foi fundado em 2000, pelo jornalista e mestre em jornalismo internacional, Fernando Rodrigues. Essa mídia se autointitula como jornalismo digital independente. Aqui, entendemos tal funcionamento como uma mídia não comercial, ou seja, seu conteúdo jornalístico não está direcionado a vendas ou conglomerados empresariais – mas isso não implica captar verbas através de publicidade e outras atividades jornalísticas remuneradas para manutenção do veículo –, e assume uma postura ideológica como causas específicas, que, no caso do Poder 360, são assuntos sobre política. Antes de se tornar portal, o Poder 360 era um blog do Fernando Rodrigues, hospedado no UOL. Apenas em 2016 tornou-se de fato um portal com outros jornalistas como sócios. Em 2018, o veículo ganhou duas titulações, a primeira pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial, escolhida como a Mídia Digital do ano, e a segunda foi dada pela empresa Engenho, Criatividade & Comunicação, na classificação de melhor site (Poder 360, 2024).

Dessa maneira, evidenciamos os motivos da escolha dos textos aqui analisados: o primeiro pelo critério da data de publicação – o Poder 360 no dia do ocorrido e a CNN Brasil no dia posterior –, por sequência, por serem textos de veículos de alcance nacional, e, por fim, representam posições ideológicas distintas e suas formas de produção noticiosa comercial e não comercial. No mais, é preciso reafirmar que o processo de análises do corpus ocorreu por meio do referencial teórico aqui apresentado, principalmente através das categorias de análises de atores sociais aqui escolhidas para realizar os procedimentos de análise textualmente orientada.

4 Análises

Na seção anterior, foram discutidos os motivos que levaram à escolha dos textos utilizados como material de análise. Inicialmente, analisamos os títulos das notícias. Observem o título da CNN Brasil: “Após discurso em que disse se sentir mulher, o deputado Nikolas Ferreira multiplica números de seguidores nas redes”. Aqui, podemos identificar duas orações. O uso da vírgula destaca dois momentos: o discurso do parlamentar e sua repercussão nas redes sociais. Assim, o sentido do título não está direcionado ao fato ou não do discurso ser transfóbico, mas sim aos impactos que ele gerou.

Abaixo do título, no "pente-fino" (subtítulo), identificamos uma voz apassivada que atribui o efeito do discurso: “Especialista acredita que crescimento no Instagram e no Twitter está relacionado ao uso de robôs”. Este formato constrói uma legitimidade através da figura do "Especialista", centralizando o tema abordado: o aumento no número de seguidores do deputado em suas redes sociais após o discurso.

No título do Poder 306, “Nikolas Ferreira ironiza pessoas trans no Dia da Mulher”, podemos identificar uma adjetivação. O termo “ironiza” refere-se ao grupo de pessoas trans, onde há uma voz ativa que nomeia o sujeito e o qualifica. Este fato representa Nikolas como irônico e ainda implica uma ação discursiva de sátira em relação às pessoas trans durante o dia de luta e celebração das mulheres.

No pente-fino, essa sátira fica em evidência na construção do enunciado: “Deputado do PL usou peruca para zombar de minoria; foi acusado de transfobia e publicamente repreendido por Arthur Lira”. Nesse ponto, percebemos a titulação e posição política (partido político de extrema direita) do Nikolas vem em uma primeira instância “Deputado do PL”, como uma forma de nomear e demarcar posição de quem fala, junto com o uso do adjetivo “zombar”, referente ao ato de usar peruca para ridicularizar a identidade de gênero de mulheres trans.

A partir disso, é possível apontar para uma prática discursiva-social sobre transgeneridades femininas, compreendida como transfóbica. Isso se reforça no contexto da voz de repreensão de Arthur Lira, o 55º Presidente da Câmara dos Deputados, que, no evento sociodiscursivo, se constitui como uma figura com autoridade superior à de Nikolas. Sobre o enquadramento de transfobia, revisitamos Podestà (2019), e segundo o sociólogo, a transfobia

não se dá apenas na instância da violência física; ela também é simbólica e discursiva, funcionando como canal de rejeição à transgeneridade dos sujeitos trans.

Agora vamos discutir a composição das fotografias que estão nas capas das matérias. van Leeuwen (1997) afirma que no processo de análise do discurso dos atores sociais, tanto o aspecto imagético quanto a descrição das características físicas devem ser considerados. Veja a seguir as fotos que fazem parte das notícias da CNN Brasil e Poder 360:

Figura 2 – Capa da notícia do Nikolas Ferreira no portal de notícia da CNN Brasil



Fonte: reprodução do portal de notícia CNN Brasil

Figura 3 – Capa da notícia do Nikolas Ferreira no portal de notícia do Poder 360



Fonte: reprodução do portal de notícia Poder 360

É pertinente apontar que ambas as imagens são fotografias de Nikolas na tribuna da Câmara dos Deputados em Brasília. O discurso imagético dessas fotografias foca na representação de Nikolas durante seu exercício parlamentar. Isso é identificável pelos

elementos que compõem essa narrativa, como a bandeira do Brasil ao fundo, o microfone e o uso de terno em tons escuros. Esses elementos atribuem sentido e legitimidade à figura de Nikolas como um “dizente” (van Leeuwen, 1997) no cargo institucional.

Embora essa narrativa esteja presente nas duas fotografias, é perceptível que no texto da CNN Brasil é construída uma narrativa de um político polido, por meio de uma foto de alta qualidade digital com o Nikolas sorrindo e com os braços abertos, o que transmite confiança e receptividade. Tais características constroem um sentido positivo sobre a figura de Nikolas Ferreira. Por sua vez, o texto do Poder 360 apresenta uma foto com qualidade digital baixa, provavelmente uma captura de tela da gravação do discurso do dia 08 de março de Nikolas, em que ele usa a peruca e se apresenta com expressão facial sombria.

As discussões sobre gênero, conforme abordadas por Scott (1989), Louro (1997, 2008), Bento (2006) e Podestà (2019), nos auxiliam a entender o uso da peruca como uma construção social dentro do universo feminino, ancorada no sistema binário de características biológicas e físicas, sendo empregada para deslegitimar mulheres trans e travestis neste evento sociodiscursivo. O uso da peruca pode ser interpretado como uma impersonalização (van Leeuwen, 1997), ou seja, uma representação não-humana. Em suma, a escolha de Nikolas de usar uma peruca para representar mulheres trans e travestis através dessa característica física é considerada como não-feminina.

van Leeuwen (1997) argumenta que em textos, especialmente jornalísticos, as representações dos atores sociais são utilizadas para incluir ou excluir, dependendo dos interesses e propósitos em relação ao público-alvo da leitura. As capas das notícias analisadas representam o mesmo acontecimento. No entanto, a matéria da CNN Brasil constrói uma representação positiva (Figura 2), enquanto na capa do Poder 360 é construída uma representação negativa (Figura 3).

Essas representações imagéticas estão carregadas de sentidos que servem a propósitos distintos na construção da imagem de Nikolas Ferreira como parlamentar. Nesse contexto sociodiscursivo, diante de uma posição ideológica de direita e conservadora que focaliza o gênero apenas pelo aspecto biológico, Nikolas Ferreira é representado como um político polido. Já numa perspectiva progressista e alinhada à esquerda, que considera a diversidade de gênero sob uma ótica social, Nikolas Ferreira é representado de maneira sombria.

Uma das categorias às quais van Leeuwen (1997) chama atenção é a da nomeação. Para o autor, a nomeação de atores sociais funciona como uma das características que conferem legitimidade ao seu discurso. Ao abordar a nomeação, o autor não se refere apenas aos nomes formais e informais de um sujeito, mas também à construção discursiva a partir da atividade ou posição institucional ou de poder que o ator social exerce. Isso operacionaliza dinâmicas para a lógica do "nós" (os "dizentes") e "eles" (os "outros"): incluir ou excluir.

Em ambos os textos, encontramos vestígios da aplicação da categoria nomeação. Para tanto, organizamos um quadro expositivo (Quadro 2) com os enunciados com aplicabilidade da categoria nomeação nos textos dos portais de notícia CNN Brasil e Poder 360.

Quadro 2 – Enunciados com aplicação da categoria nomeação

Enunciados – CNN Brasil		Enunciados – Poder 360	
1	Após discurso em que disse se sentir mulher, deputado Nikolas Ferreira multiplica números de seguidores nas redes	10	Deputado do PL usou peruca para zombar de minoria; foi acusado de transfobia e publicamente repreendido por Arthur Lira
2	O deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) ganhou mais de 20 mil novos seguidores no Instagram desde o discurso que fez no plenário da Câmara nesta quarta-feira (8) em que, vestindo uma peruca amarela, disse que se sentia uma mulher transsexual e, por isso, teria “lugar de fala” no Dia Internacional das Mulheres.	11	O deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) ironizou mulheres trans ao discursar na tribuna da Câmara dos Deputados nesta 4ª feira (8.mar.2023). O congressista usou uma peruca para ter “local de fala” ao falar no Dia da Mulher.
3	“Hoje, o Dia Internacional das Mulheres, a esquerda disse que eu não poderia falar, pois eu não estava no meu local de fala. Então, eu solucionei esse problema aqui. Hoje eu me sinto mulher. Deputada Nikole”, afirmou na quarta.	12	“Hoje me sinto mulher, deputada Nikole, e tenho algo muito interessante para falar. As mulheres estão perdendo seu espaço para homens que se sentem mulheres”, declarou o deputado ao abrir seu discurso.
4	O Ministério Público Federal (MPF) pediu para a Câmara investigar o deputado Nikolas por transfobia. E parlamentares apresentaram notícia crime no Supremo Tribunal Federal (STF).	13	Em seguida, o deputado defendeu a liberdade de um homem recusar a entrada de uma mulher trans em um banheiro feminino para “proteger sua filha”, sem ser considerado um transfóbico.
5	Após a repercussão do discurso, o deputado se defendeu das acusações de transfobia em suas redes sociais. “Defendi o direito das mulheres de não perderem seu espaço nos esportes para trans – visto a diferença biológica – e de não ter um homem no banheiro feminino. Não há transfobia em minha fala. Elucidei o exemplo com uma peruca (chocante). O que passar disso é histeria e narrativa”, escreveu.	14	Nikolas afirmou também que as mulheres estão perdendo espaço nos esportes e em concursos de beleza. Ele criticou marcas que homenagearam mulheres trans em campanhas publicitárias no Dia da Mulher.

Quadro 2 – Enunciados com aplicação da categoria nomeação

Enunciados – CNN Brasil		Enunciados – Poder 360	
6	No Twitter, Nikolas Ferreira também conseguiu alcançar mais pessoas, porém o crescimento foi menor do que em seu perfil no Instagram. Em 24 horas, Nikolas ganhou 4.200 seguidores, número que não foge muito da sua média diária na rede social, que é de 3.900.	15	O deputado foi publicamente repreendido pelo presidente da Casa, Arthur Lira (PP-AL). “O Plenário da Câmara dos Deputados não é palco para exibicionismo e muito menos discursos preconceituosos. Não admitirei o desrespeito contra ninguém. O deputado Nikolas Ferreira merece minha reprimenda pública”, escreveu em seu perfil nas redes.
7	Senise afirmou que o uso de robôs no perfil do deputado foi um dos motivos pelos quais o Instagram desativou a conta oficial de Nikolas, em novembro de 2022, e considerou que o uso dos bots é uma possível ação coordenada para que seu perfil alcance novamente o alcance que tinha antes de a plataforma suspender sua conta. De acordo com o Instagram, o uso de robôs é um dos motivos pelos quais algumas contas são suspensas na plataforma.	16	Em nota oficial divulgada na 5ª feira (9.mar), o congressista afirmou ter feito o discurso no “intuito de alertar sobre a perda de espaço das mulheres nos esportes para pessoas trans. Homens e mulheres são biologicamente diferentes e possuem corpos diferentes. Negar isso, portanto, é adotar um tipo de negacionismo sem precedentes”.
8	Procurados pela CNN, a equipe do parlamentar ainda não se manifestou sobre o suposto uso de robôs. Em nota enviada à imprensa, nesta quinta-feira, Nikolas informou que não promoveu um discurso de ódio ou transfóbico.	17	O processo investiga falas do deputado em novembro de 2020 contra a também deputada Duda Salabert (PDT-MG). Na época, os 2 eram vereadores de Belo Horizonte. Na ocasião, Nikolas teria dito o seguinte sobre Salabert durante uma entrevista: “Eu ainda irei chamá-la de ‘ele’. Ele é homem. É isso o que está na certidão dele, independentemente do que ele acha que é”.
9	A íntegra da nota do deputado Nikolas: “O deputado informa que proferiu discurso tão somente com o intuito de alertar sobre a perda de espaço das mulheres nos esportes para pessoas trans. Homens e mulheres são biologicamente diferentes e possuem corpos diferentes. Negar isso, portanto, é adotar um tipo de negacionismo sem precedentes. Nesse sentido, não houve, em momento algum da fala, o crime de transfobia ou discurso de ódio, mas sim o direito constitucional do parlamentar em expressar sua opinião sobre um determinado tema. Por fim, no que tange às notícias de que o PSB e partidos de esquerda tenham pedido a cassação do mandato, informamos que ainda não recebemos nenhum tipo de notificação, mas é aguardado com tranquilidade, haja vista a certeza de que nenhum crime foi cometido”.		

Fonte: elaborado pelo autor e pela autora.

A categoria predominante é a nomeação, conforme evidenciado no Quadro 2, onde dos 17 enunciados analisados, 15 utilizam o termo "deputado" ou similar para se referir a Nikolas Ferreira. Essa escolha destaca sua posição parlamentar, exceto nos enunciados 6 e 14, que não incluem esse termo. É preciso sinalizar que Nikolas estava no exercício de seu cargo ao proferir o discurso sobre mulheres trans e travestis, ou seja, um ator social com responsabilidade institucional.

Segundo van Leeuwen (1997), o uso de títulos honoríficos e de titulação, assim como o uso de adjetivos e substantivos no texto para descrever a atividade ou cargo exercido por um

sujeito-dizente, constitui-se como um elemento de legitimação que influencia as representações de atores sociais. O autor também aborda o uso de nomeações formais e informais na construção narrativa, destacando estratégias no emprego de verbos e na escolha entre voz apassivada ou ativa na construção do ator social. Nesse contexto, observamos que nos enunciados do texto da CNN Brasil, Nikolas Ferreira é nomeado de duas formas: de maneira informal e formal.

Na nomeação informal, é utilizado apenas o nome dele – num tom de personalidade, o sujeito e não o cargo – como nos enunciados 6 e 7, que abordam o engajamento do parlamentar e o uso de robôs, na voz de um especialista, para analisar o crescimento dos números nas redes sociais do deputado após o discurso feito no dia 8 de março. Nestes dois enunciados, o “dizente” Nikolas Ferreira tem voz ativa em suas ações, com os verbos subsequentes no pretérito perfeito: "conseguiu", "ganhou" e "considerou", indicando que ele é o sujeito das ações.

Por sua vez, na segunda forma de representar o “dizente”, a formal, mesmo seguindo a mesma estrutura de tempo verbal, a ação do deputado é apassivada e o seu discurso torna-se a referência da situação, e não o dizente em si. Isso é verificável por meio da construção da narrativa do pós-discurso nos enunciados 1, 2, 5, 8 e 9.

A partir disso, podemos apontar duas estratégias de representação discursiva através dos sentidos de nomeação: informal e formal. Na primeira, informal, os enunciados distanciam o sujeito dizente do cargo parlamentar que ele exerce. Isso é observável quando se protagoniza uma narrativa sobre a possível utilização de robôs para engajar suas redes sociais, surgida no pós-discurso contra mulheres trans e travestis ("outros") em espaços femininos.

Com isso, favorece uma representação positiva do dizente, pois o desvincula do seu cargo institucional, chamando atenção para uma suposta manipulação de redes sociais com robôs, pondo em segundo plano as questões que afetam as transgeneridades femininas. Ao mesmo tempo, essa narrativa conecta o dizente ao grupo de pessoas que compartilham da visão de que mulheres trans e travestis não podem ocupar os espaços femininos, por não serem reconhecidas e/ou aceitas como mulheres devido ao aspecto biológico.

Já a representação discursiva formal constrói um sujeito que exerce um poder institucional, o parlamentar. Além disso, tal sujeito enuncia a negação, especificamente trata-

se da deslegitimação do reconhecimento de mulheres trans enquanto categoria mulher, pautando o aspecto biológico como definidor da categoria mulher. Ou seja, o “nós mulheres” (verdade biológica, visão de mundo binário e dominante) como verdadeiras, e os “outros” (mulheres trans e travestis) como falsas. Sendo assim, podemos identificar a construção da representação do ser mulher apenas pelo biológico, por meio do discurso do deputado nos enunciados 1, 2, 5 e 9 (da CNN Brasil).

A partir disso, destacamos que no discurso da CNN Brasil, através da relação discursiva informal e formal (que operacionaliza sentidos de inclusão e exclusão) dos enunciados sobre a posição/cargo de parlamentar de Nikolas Ferreira para se referir à categoria mulher, construiu-se o sentido de que o discurso do deputado (formal) é o agente responsável, mas não Nikolas Ferreira (informal) como dizente da ação. Isso evidencia estratégias discursivas do portal de notícias que constroem a representação do discurso do dizente como transfóbico, mas não o dizente em si. Dessa maneira, minimiza-se ou torna-se implícita a prática transfóbica, descaracterizando a responsabilidade do dizente frente ao seu discurso.

Os enunciados 10, 11, 12, 13, 16 e 17 (do Poder 360) seguem a mesma orientação da categoria nomeação, com a estrutura em questão de tempo verbal e centralidade na titulação do sujeito dizente, vistas nos enunciados 1, 2, 5 e 9 (da CNN Brasil). Porém, a construção da narrativa posiciona o deputado federal com voz ativa na ação; ele é o dizente do discurso. Semelhantes aos enunciados 1, 2, 5 e 9 (da CNN Brasil), os enunciados 11, 12, 13 e 16 também colocam em disputa a legitimação da categoria mulher pelo critério biológico. Contudo, os sentidos atribuídos ao discurso feito pelo parlamentar são postos em questionamento a partir de outras vozes que disputam legitimidade no texto. Nos enunciados 10 e 11, os verbos “zombar” e “ironizou” são utilizados para caracterizar o discurso do deputado federal Nikolas Ferreira na tribuna, como o uso da peruca, deixando em evidência tal ato como caso de acusação de transfobia.

No ponto sobre a acusação de transfobia, o texto do Poder 360 traz o recurso da citação direta (voz ativa) com o uso de aspas, para situar que o parlamentar foi publicamente repreendido pelo presidente da Casa, Arthur Lira. Ainda nesse ponto, o texto constrói uma contranarrativa tanto por meio da voz de repreensão do presidente da Câmara dos Deputados, como também através do processo que corre na justiça sobre falas de 2020 do deputado

federal Nikolas Ferreira, sobre o gênero (mulher trans) da deputada federal Duda Salabert do Partido Democrático Trabalhista (PDT). Essa contranarrativa constrói uma representação discursiva do parlamentar como sujeito irônico, que utiliza de sua posição institucional para praticar discursos contra mulheres trans e travestis, utilizando argumentos biológicos e em defesa das “mulheres de verdade”.

Os enunciados 9 (da CNN Brasil) e 16 (do Poder 360) tratam da mesma nota publicada pelo deputado federal Nikolas Ferreira, no dia seguinte ao ocorrido. Entretanto, a mesma informação é apresentada de formas distintas. No enunciado 9, a nota é posta na íntegra com o uso de aspas. É interessante apontar que o texto está escrito na terceira pessoa do singular (provavelmente, foi escrito pelos assessores de Nikolas Ferreira): “O deputado informa que proferiu” e “informamos que ainda não recebemos nenhum tipo de notificação”. Ele é posto como sujeito que é anunciado, e não que enuncia. O que é enunciado é uma retórica que explicita a posição dele como parlamentar e o papel da biologia na definição da categoria mulher. Essa retórica do lugar institucional e da centralidade biológica direciona para uma narrativa de deslegitimação da acusação de transfobia.

Por sua vez, o enunciado 16 (do Poder 360) apresenta uma nota curta, na qual a voz de Nikolas Ferreira está na voz passiva: “o congressista afirmou ter feito o discurso”, mas ao mesmo tempo a narrativa o constrói como responsável pelo discurso. Nesse enunciado, um trecho da nota é utilizado como uma voz direta do parlamentar, através do recurso das aspas, destacando precisamente a retórica da biologia como elemento irrefutável para a legitimação da categoria mulher: “intuito de alertar sobre a perda de espaço das mulheres nos esportes para pessoas trans. Homens e mulheres são biologicamente diferentes e possuem corpos diferentes. Negar isso, portanto, é adotar um tipo de negacionismo sem precedentes”.

5 Considerações finais

Este estudo analisou a representação discursiva do deputado federal Nikolas Ferreira sobre o discurso praticado pelo mesmo no Dia Internacional da Mulher sobre ser mulher, que movimentou discussões sobre a categoria mulher, transgeneridades e acusações de transfobia. Para tanto, tomamos duas mídias: a CNN Brasil (comercial) e o Poder 360 (não comercial). A partir desses veículos jornalísticos, e com a aplicação da categoria nomeação, conseguimos

perceber que o mesmo fenômeno sociodiscursivo, pode gerar construções de representações de atores sociais e dizentes distintos, as quais exprimem através de seus discursos visões ideológicas.

No texto da CNN Brasil, o acontecimento e a acusação de transfobia aparecem em um segundo plano, o foco da notícia está no número de engajamento nas redes sociais do deputado federal Nikolas Ferreira e sobre o uso ou não de robôs nesse jogo de número. Já no texto do Poder 360, a centralidade dos enunciados está em torno da acusação das práticas e discurso do deputado em relação ao universo de mulheres trans e travestis.

Através da comparação dos discursos dos textos aqui analisados, é possível apontar que a representação de um ator social ou dizente pode ser feita por diversas vezes. Na CNN Brasil, o deputado federal Nikolas Ferreira foi representado como polido, como um sujeito não institucional e como sujeito dizente que o discurso pode ser desvinculado do sujeito que o profere. Já no Portal 360, o parlamentar pôde ser representado como o sombrio, o irônico, o que nega as acusações. Com isso, podemos dizer que as mídias agenciam significações nas representações dos atores sociais e podem ser canais de transformação social, no sentido de pôr em jogo disputas de legitimação ou deslegitimação de “outros”: sujeitos não dominadores que sofrem de invisibilidade – à exemplo, o grupo de mulheres trans e travestis.

Através dessa pesquisa, podemos identificar o gênero como uma prática social e arena política. No sentido da legitimação, a discursividade sobre o que define uma mulher e a argumentação do fator biológico se constituíram como centralidades nas estratégias discursivas do deputado federal Nikolas Ferreira. Sendo assim, arriscamos dizer que o gênero, sobretudo as transgeneridades femininas podem ser vistas como fenômeno social que põe em xeque a relação de dominação de poder: “nós” e os “outros”. Numa esfera da complexidade, o discurso exerce um papel de operacionalizar as conexões e as rupturas. Além disso, o discurso movimenta os modos de ser, agir e representar a(s) categoria(s) mulher(es), as quais disputam espaços não apenas no cotidiano, mas também em instância de poder, como no caso do discurso realizado pelo deputado federal Nikolas Ferreira na tribuna.

Referências

BENEVIDES, B.; ANTRA, Associação Nacional de Travestis e Transexuais (org.). **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, B. Brasil: país do transfeminicídio. **Centro latino-americano em sexualidade e direitos humanos**, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio_Berenice_Bento.pdf. Acesso em: 31 maio 2023.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 22. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

GONZALEZ, L.; RIOS, F.; LIMA, M. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz, 2020.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

INFOMONEY. Rubens Menin: os negócios bilionários do empresário que começou como o “patinho feio” da construção. *In*: Portal INFOMONEY. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/perfil/rubens-menin/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

LEONES, E. Após discurso em que disse se sentir mulher, deputado Nikolas Ferreira multiplica números de seguidores nas redes. **CNN BRASIL**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/apos-discurso-em-que-disse-se-sentir-mulher-deputado-nikolas-ferreira-multiplica-numeros-de-seguidores-nas-redes/>. Acesso em: 26 jun. 2024.

LIMONGI, F.; OLIVEIRA, J. de S.; SCHMITT, S. T. Sufrágio universal, mas... só para homens. O voto feminino no Brasil. **Revista de Sociologia e Política**, [s. l.], v. 27, p. e003, 2020.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Revista Pro-Posições**, v. 19, n. 2, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 30 maio 2023.

OYĚWÙMÍ, O. **Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects**in: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *The invention of women: making an African sense of western gender discourses*. [Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos]. Minneapolis: University of

Minnesota Press, 1997, p. 1-30. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.

PODESTÀ, L. L. Ensaio sobre o conceito de transfobia. **Revista Periódicus**, n. 11, v. 1, p. 363-380, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/27873>. Acesso em: 30 maio 2023.

PODER 360. Quem somos. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/quem-somos/> Acesso em: 15 jun. 2024.

PODER 360. Nikolas Ferreira ironiza pessoas trans no Dia da Mulher. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/nikolas-ferreira-faz-discurso-transfobico-no-dia-da-mulher/>. Acesso em: 29 maio 2023.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2022.

SEDGWICK, E. K. **Epistemologia do armário**. Tradução de Ana R. Luís e Fernando Matos Oliveira. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. **Revista e-Disciplinas**, 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 10 nov. 2019.

VAN LEEUVEN, T. A representações dos actores sociais. In: PEDRO, E. R. (org.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Ed. Caminho, 1997.

TGEU. **Trans Rights Mapa 2021 Documentos Alarming Loss in Trans Rights**. Berlin, Germany: TGEU (Trans Europe and Central Asia), 2021. Disponível em: <https://tgeu.org/trans-rights-map-2021-alarming-loss-in-rights/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

WITTIG, M. **O pensamento heterossexual e outros ensaios**. Tradução de Maíra Mendes Galvão. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2020.

Recebido em: 08.01.2024

Aprovado em: 12.06.2024